

Como duas escolas do Distrito Federal, com base no método Waldorf, dispensam o ensino tradicional para desenvolver também o lado espiritual dos alunos

AJUDA PARA CRESCER

Ricardo Borba



KATARINA, ALUNA DA MOARA: FÃ DAS AULAS PRÁTICAS DE TRICÔ

HISTÓRICO

A pedagogia Waldorf foi fundada por Rudolf Steiner, em 1919, em Stuttgart, Alemanha. Ela recebeu esse nome porque foi aplicada, pela primeira vez, em uma escola destinada aos filhos dos operários da fábrica de cigarros Waldorf-Astória. Atualmente, existem cerca de 872 escolas Waldorf em todo o mundo. Informações no endereço www.waldorf.net

de, consegue ler tudo o que escreveu, com facilidade. “Adoro vir para a escola”, afirma. Principalmente quando é dia de fazer tapeçaria e tricô.

Nas escolas que adotam o método Waldorf, todas as atividades são feitas em grupo. Na aula de pintura, por exemplo, eles trabalham em duplas. Quando um aluno enche o copo de tinta, o outro se encarrega de lavá-lo. Além disso, as crianças de idades e turmas diferentes são encorajadas a brincar juntas. “Meus filhos têm liberdade de se verem, dentro da escola, quando sentem vontade”, diz Fernando Fortes, pai dos alunos Gabriel e Manuela, de dois e quatro anos. O professor de biofísica acredita que, por causa disso, as crianças maiores têm mais carinho com os pequenos. “Se um cai, os mais velhos correm para ajudar”, sorri.

Outro diferencial é que, nesses colégios, um mesmo professor acompanha o aluno da 1ª à 8ª série. Segundo Daniela Rodrigues, professora de Euritimia (expressão corporal), essa convivência cria forte vínculos de amizade e amor entre docentes e aprendi-

zes. “Aqui é a extensão da casa deles”, afirma Ísis. Tanto é assim, que eles aprendem até mesmo a comer frutas e verduras, no “lanche comunitário” preparado pelas próprias crianças. Por mais estranho que pareça, a comida mais festejada pelas crianças é a salada crua. A iguaria é servida em folhas de alface e consiste numa mistura de verduras picadas com tempero. “No início, algumas crianças rejeitavam. Mas, depois de provar, ou preparar, a opinião mudava”, conta Karla.

Segundo a pedagogia Waldorf, a vida é um ciclo sem fim. O nascimento e a morte são apenas mais uma etapa do desenvolvimento do espírito. “As crianças já chegam ao mundo sabendo muitas coisas”, explica Karla. Tal conhecimento, acredita, tem origem em vidas passadas ou experiências intra-uterinas. Por isso, deve ser respeitado. Essa noção de “imortalidade da alma” é transmitida às crianças de maneira lúdica, por meio de histórias e fábulas. Apesar da semelhança com a doutrina espírita, essas escolas não estão vinculados a nenhuma religião. Elas são independentes, podendo desenvolver os próprios métodos e regras.

ESCOLA MOARA

603 Norte, na sede da Sociedade Brasileira de Eubiose. Por enquanto, tem aulas para crianças de até nove anos de idade (terceira série). Telefone: 326-8723

ESCOLINHA BEIJA-FLOR

QNB 15, Área Especial nº 4, Taguatinga. A escola atende crianças carentes de até seis anos e é gratuita. Telefone: 352-5686

CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES WALDORF

Previsto para novembro, aqui em Brasília. Informações pelos telefones 326-8823 ou 915-2422

Imagine uma escola sem notas, onde os alunos têm liberdade para tomar suas próprias decisões. Lá, eles não desenvolvem apenas o intelecto, mas o espírito. Além das aulas tradicionais, aprendem música, tricô, tapeçaria e artes. Tudo isso recheado com histórias, contos, fábulas e biografias. Esses são alguns dos princípios básicos da pedagogia Waldorf, que educa levando em consideração as necessidades do ser humano em cada fase de sua vida. Nos Estados Unidos, onde existe o maior número dessas instituições, as universidades costumam dar preferência a ex-alunos Waldorf, considerados mais criativos, concentrados e dedicados que os demais. Aqui, no Brasil, há pelo menos 25. Duas delas, localizadas no Distrito Federal: a Moara (que significa ajudar a nascer, em tupi) e a Escolinha Beija-Flor.

Segundo a filosofia dessas escolas, o homem se desenvolve seguindo os mesmos passos da humanidade. Por exemplo: até os sete anos a criança estaria viven-

do a pré-história de sua vida. Nessa fase, ela aprende a andar, falar e a se comunicar, assim como os homens das cavernas. Por enquanto, entendem melhor o mundo com a ajuda de histórias mágicas e contos de fada. Nos centros de ensino Waldorf, a criança não é alfabetizada antes dos sete anos. “Até essa idade, elas têm que brincar”, diz Karla Neves, professora da 2ª série da escola Moara. Danusa Veloso, diretora da Escolinha Beija-Flor, completa: “É preciso dar para esses alunos a chance de entrar em contato com a terra, com a natureza”. Por isso, os dois colégios oferecem a chance de os alunos vivenciarem experiências simples, como plantar, passear, subir em árvores, pintar, cozinhar ou apenas observar o amanhecer.

Quando, enfim, chega a época de aprender as primeiras letrinhas, os pequenos não recebem cartilhas ou exercícios xerocados. Ao contrário, descobrem o formato de cada vogal e consoante. No caso do M, por exem-

plo, a professora conta uma história sobre um menino que foi a montanha e pede para as crianças fazerem um desenho sobre o assunto. Como a montanha tem o formato de um M gigante, as crianças acabam associando a letra à imagem. “No fundo, elas aprendem brincando”, analisa Ísis Neves, professora da 3ª série.

Nenhuma matéria segue um livro didático. O caderno, construído ao longo do ano pelos estudantes, serve de livro. Cada disciplina é trabalhada intensamente, durante cerca de um mês, por turma. “A criança realmente

mergulha no assunto”, diz Karla. Dessa maneira, esclarece a professora, elas interiorizam o conteúdo, ao invés de decorá-lo. “É impressionante como o conteúdo fica vivo na memória. Dá a impressão que os meninos ficam estudando escondido da gente.” Ila Marinho, de 7 anos, comprova a tese da professora. Ao mostrar o caderno de matemática, a menina de olhos grandes surpreende. Lembra de cada lição dada, inclusive a de multiplicar. “É fácil”, alegra-se. Como ela, Katarina Neves, 8 anos, não perde uma aula. Apesar da pouca ida-